

**IMAGINAÇÃO E MEMÓRIA:
A CULTURA DE MATRIZ AFRICANA
COMO EIXO DE LEITURA DE *O PRESENTE DE OSSANHA*,
DE JOEL RUFINO DOS SANTOS**

Patrícia Luísa Nogueira Rangel (UNIGRANRIO)
rangelluisa07@yahoo.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)
professorfrazao@uol.com.br

RESUMO

A literatura produz transformações significativas nas vidas dos leitores, e quando está direcionada ao público infantil, pode promover a percepção de um mundo regido pela imaginação, pela emoção, mas também pela reflexão acerca da identidade dos atores sociais e sobre o mundo que os rodeia. A literatura infantil, nas mãos hábeis de alguns autores, permite que se perceba nuances importantes da história e dos bens culturais da sociedade. Joel Rufino dos Santos, a partir de algumas de suas obras destinadas às crianças, fornece-nos um aporte importante para compreensão de aspectos inerentes à tradição cultural africana. O trabalho aqui apresentado visa a analisar a narrativa de *O Presente de Ossanha*, da autoria de Rufino dos Santos, que tem como centro de seu enredo a amizade entre um menino branco e um negro escravizado. A obra retoma questões relativas à religião e à cultura de matriz africana, como um todo, ao apresentar a história da entidade Ossanha, enfatizando a importância da preservação da cultura africana, no Brasil.

Palavras-chave: Literatura infantil. Joel Rufino dos Santos. Amizade. Ossanha.

1. Introdução

A literatura infantil provoca uma manifestação de sentimentos e sensações nas crianças, a partir do contato com o imaginário, de tal forma que contribuirá para a construção do cidadão na sociedade, bem como adquirirá conhecimentos de outras identidades e culturas, pois o ato de ler representa refletir sobre si mesmo e o mundo, a partir das próprias experiências e vivências. Nesse sentido, a leitura se torna elemento importante na infância.

Nas literaturas destinadas às crianças, existem as narrativas afro-

-brasileiras, que permitem a interação das crianças negras com sua realidade e a mesma reconhece a sua importância na sociedade. No entanto, a literatura afro-brasileira não é direcionada somente aos negros, mas a todas as etnias, uma vez que o contato com estas produções literárias estimula discussões e reflexões sobre questões raciais, concedendo uma nova representação, diferente do que foi imposto historicamente.

Dentre vários autores que abordam essa temática dentro da literatura infantil, temos Joel Rufino dos Santos, que lança mão do discurso que favorece uma classe culturalmente desvalorizada. Numa linguagem simples, sem assumir explicitamente uma posição, Joel utiliza-se de elementos simbólicos que envolvem o leitor, tirando-o de sua zona de conforto e possibilitando a ele reorganizar seus sentimentos, seus ideais, a partir das experiências próprias.

Em *O Presente de Ossanha*, Santos (2006) constrói um cenário no período colonial, em que o protagonista é um menino escravo sem nome, comprado para ser brinquedo de um senhorzinho. Joel desenvolve a narrativa em que apresenta uma riqueza cultural, evidenciando o folclore brasileiro e abordando a questão de religiosidade, e mostra a amizade entre duas crianças, uma negra e outra branca.

2. Literatura infantil

A literatura infantil age sobre a razão, as emoções, o imaginário, determinando as associações, as reflexões, tanto sobre si como com a realidade, conforme Resende (2007). E por isso, para Parreiras (2009), a literatura é uma arte que dispensa adjetivos, pois, para quem lê um poema, um conto ou um romance, é de certa maneira afetado por ela e passa por transformações, caminhos se abrem, entendem-se limitações e paixões humanas.

A autora comenta também que a literatura estabelece uma experiência dialógica e de subjetivação para o leitor, encantando, incomodando, provocando e levando o leitor pensar, porque quem lê não fecha o livro como mesma pessoa, e sim, é desacomodado e é, também, afetado pelos sentimentos. "Logo, quanto mais se lê, mais se aprende a ler, e neste movimento de ler mais e mais, mais e melhor, é que afloram as competências, os desejos, a fluência, a perspicácia do raciocínio, o enriquecimento da sensibilidade". (RESENDE, 2007, p. 11)

Inicialmente, como comenta Maia (2007), a literatura infantoju-

venil objetivava, equivocadamente, servir a pedagogia escolar, de forma que a utilização desse tipo de gênero atendia politicamente os anseios políticos da sociedade. No entanto, Cademartori (1986) explica que a obra literária, seja ficção ou fantasia, não deve ser utilizada com o objetivo de uso didático, ou seja, não se trata apenas de um instrumento de formação, mas um instrumento de libertação.

Cademartori (1986) declara que contar história surgiu com necessidade do homem de narrar experiências que teriam significação para outros, ou seja, preservar histórias, lendas e tradições de seu povo, perpetuando, assim, sua cultura. Parreiras (2009) completa, dizendo que a literatura infantil está relacionada às histórias de tradição oral, passadas de boca em boca, e somente séculos depois é que passaram a ser registradas em textos.

Maia (2007) explica que a literatura leva o leitor a tomar consciência social e a posicionar-se, percebendo os temas e os tipos humanos, bem como conviver com realidades, o que rompe a relação entre a arte e a educação. Conforme Parreiras (2009), a leitura de um livro torna o leitor parte da história, como ela faz parte da vida dele, torna-o íntimo dos personagens, a ponto de simpatizar-se ou não, amá-los ou odiá-los.

A literatura tem um trabalho estético com a linguagem, que desperta o imaginário e emoções, e as crianças ao terem contato com elas, constroem sua história literária nos aspectos significativos, atraente, de forma que o ato de ler se expande, ultrapassando a simples aquisição e domínio do código linguístico, explica Maia (2007). A literatura é arte das palavras, Parreiras (2009) explica que elas não estão simplesmente presentes, mas são trabalhadas ludicamente para encantar o leitor, a fim de dar prazer e tornar a leitura única e singular, promovendo um diálogo de ida e volta. Não é só o texto estar inserido num livro ilustrado e com formato grande, não obstante, independente da forma de linguagem, culta ou coloquial, é necessário que as palavras não sejam diretas, com ensinamento ou explicações, e sim que seja uma porta aberta para que o leitor entre e dê forma.

O surgimento e o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil nascem, segundo Parreiras (2009), com uma literatura comprometida com o imaginário e o lúdico, através da narrativa de Monteiro Lobato *A Menina do Narizinho Arrebitado*, na década de 1920. E a partir daí, surgiram vários escritores. No entanto, a consolidação da literatura voltada para a criança se deu no período das décadas de 1960 e 1970, quando, no

movimento da ditadura militar, as escolas foram obrigadas a realizar leituras de obras de autores nacionais e ocorreu a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ (1968).

O acesso à leitura pelas crianças, que são mediadas pelos adultos, contribui para a construção da subjetividade, a partir da busca e interesse pelo desconhecido e o estímulo da fantasia.

O leitor vai acompanhar os passos, abrir "portas", ultrapassar seus espaços físicos e descobrir que, além dele, há também as patas do cão, as pegadas de um homem de perna de pau, de uma senhora idosa e de uma bicicleta. Há um mundo de diversidades na rotina do caminho dos pés. (PARREIRAS, 2009, p. 35)

O livro estimula o gosto estético, aproxima as crianças das características presentes nos personagens, identificando a si e a outros, descobrindo toda gama de diversidade, sejam cultural, social e histórica. Parreiras (2007) declara que os livros infantis trazem a diversidade existente no mundo real, como etnias, idiomas, conhecimentos, culturas, particularidades dos povos, e no mundo irreal, universos imaginários.

3. *Joel Rufino dos Santos: literatura infantil afro-brasileira*

A literatura é um fator relevante para a busca da identidade e apreensão das culturas afro-brasileira, mediante o desenvolvimento de uma nova sensibilidade estética, conforme Pereira (2007). A literatura afro-brasileira ou negra apresenta um momento de afirmação de um determinado grupo étnico, considerando temas como questões étnicas, psicológicas, históricas e sociais. Esse tipo de literatura também pode ser classificado como literatura brasileira, uma vez que, como brasileiros, independente das origens étnicas, expressam sua visão de mundo através de um mesmo sistema linguístico (língua portuguesa), “preservada e transformada de acordo com a dinâmica de nosso contexto histórico-social e dos grupos linguísticos que com ela entraram em contato”. (PEREIRA, 2007, p. 188)

De acordo com Maia (2007), o escritor, ao utilizar palavras com forte carga semântica, concebe leitura como processo de reconstrução da sociedade brasileira, portanto, como prática social, que constrói significados. A linguagem, ainda de acordo com a autora, é um bem simbólico, e quem a domina cria relações de forças linguísticas, permitindo o direito à voz. Através da linguagem, também, é possível mudar pensamentos e atitudes, uma vez que por trás dela há uma ideologia.

Conforme explana Parreiras (2009), a partir da literatura afro-brasileira, o caráter persuasivo do discurso dominante de desvalorização de um determinado grupo enfraquece e sobressai outro olhar, que revela visões plurais e contribui para o contato com novas experiências. Nesse sentido, o acesso à leitura modifica as pessoas, em especial as crianças, independente de sua etnia, porque permite o conhecimento de novos modelos identitários, que corrobora com o combate ao preconceito e discriminação.

Dentre vários autores que apresentam interesse nessa temática, temos Joel Rufino dos Santos, historiador, que se preocupava em publicar obras que respeitam a tradição oral e cultural africana, além de dar voz aos personagens do povo, a outros folclóricos e sábios da cultura popular de raízes africanas, explica Parreiras (2009).

A palavra é como um motor que rola, enrola, embola e desenrola os mistérios dos povos, os sentimentos, os sonhos. No caso da África, a palavra chega com musicalidade, com os sabores e com os ritmos de um povo possuidor de uma riqueza cultural vastíssima.

Há uma voz que se abre para o mundo, que tem uma urgência para ser ouvida. Um sentimento de pluralidade, de hibridismo... (PARREIRAS, 2009, p. 119)

Com a explosão da literatura infantil no período da ditadura, ele, Joel, juntamente com Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Sylvia Orthof, começa a escrever na revista *Recreio*⁷⁸, espaço de livre circulação, sem a preocupação com moralismos e didática, mas concedendo ao leitor liberdade e recriação do texto e das imagens, contemplando temas atuais e retomando raízes folclóricas. Logo, resgatando a cultura brasileira. (PARREIRAS, 2009)

A literatura infantil retoma o passado e possibilita este eternizar-se, através da consideração de sua história e seus bens culturais, permitindo que haja reflexão sobre o tempo presente. Bosi (1992) comenta que as narrativas guardam a memória de um povo e que as novas gerações, ao entrar em contato com elas, vivenciam o passado. Bosi (2004) complementa que são essas lembranças que fazem o passado sobreviver, e a criança, ao receber esses apontamentos, toma conhecimento das suas raízes. A autora explica também que lembrar coletivamente significa reconstruir a memória, possibilitando o intercâmbio entre os indivíduos, o que

⁷⁸ A revista *Recreio* que circula atualmente não apresenta características das edições das décadas passadas.

irá se tornar base para fortalecimento da bagagem cultural de um grupo, não aprisionado ao passado, mas permitindo a reconstrução de uma nova história.

A partir do momento em que a narrativa resgata o passado, provoca, conseqüentemente, transformação das pessoas, e confronta as versões produzidas pelos grupos dominantes. Bosi (1994) declara que a memória recupera o tempo da amizade, familiar e religioso, que vem sido subjugados pela sociedade industrial e esmagado pelo tempo de mercadoria, abarcando os tempos marginais.

4. Análise da obra *O Presente de Ossanha*, de Joel Rufino dos Santos

Em *O Presente de Ossanha*, texto de Joel Rufino dos Santos, a narrativa acontece em uma fazenda de engenho na época colonial, em que viviam dois meninos. O filho do Senhor e um escravo comprado para brincar com o outro, apresentando, assim, uma leitura sobre as condições humanas de uma criança branca e uma negra, escravizada.

O moleque fora comprado bem novinho no mercado. Seu trabalho ia ser brincar com o filho do dono, brincar de todo jeito: jogar dama, soltar pipa, rodar arco que era uma brincadeira muito apreciada naquele tempo e de cavaleiro – Ricardo montava e o moleque era montado. Saíam os dois pelo terreiro... (SANTOS, 2006, s/n)

O menino branco, filho do dono da fazenda, possui um nome, Ricardo. Já o escravo, como tinha esquecido seu nome, passou a chamado de “moleque”, escrito com inicial minúsculo, caracterizando como bem de consumo e não como humano, reforçando, assim, um atributo negativo. O nome está relacionado à identidade e história de uma pessoa. O negro ao ser arrancado de sua terra natal foi trazido na condição de escravo, deixando, assim, seu meio social e sua família. Santos, portanto, ao não declarar o nome do menino, destaca a coisificação do ser humano negro, visto como objeto de compra e venda no período colonial.

Em um domingo de manhã, o narrador do texto de Joel Rufino conta que o moleque foi pegar passarinhos no mato e para alcançar seu objetivo, ele passava visgo em um pedaço de pau, mas naquele dia, não conseguiu pegar nenhum. De repente, ouviu uma voz rouca, oferecendo ajuda.

Tinham explicado ao moleque que se ouvisse uma voz rouca longe de casa, tomasse cuidado. Podia ser a onça Gomes ou Quibungo, ou Ipujiara ou o João do Mato. Essas horrendas tinham lá suas razões para não gostarem de

gente. (SANTOS, 2006, s/n)

Nesse momento, a narrativa de Joel Rufino dos Santos retoma o folclore brasileiro, repassando os costumes e tradições do povo brasileiro, ao citar figuras folclóricas, como Quibungo, lenda afro-brasileira, uma espécie de Bicho-Papão negro (Bahia), mistura de Tutu e da Cuca, que pegavam as crianças rebeldes e que não dormiam cedo⁷⁹.

Na narrativa também cita Ipujiara, que se trata de uma lenda indígena. No período do descobrimento do Brasil, a linda escrava Irecê, quando foi encontrar o seu amado, o jovem Andirá, à noite, encontrou a canoa dele vazia no mar. Nesse instante, apareceu um animal marinho enorme, com três metros de altura, grande cabeça, bigode, braços longos, dentes pontiagudos e os pés de barbatanas. Ao atender ao pedido de socorro da índia, o capitão Baltazar mata com a espada o animal, que mata-ra Andirá, deixando o coração de Irecê partido. Esse monstro foi identificado como Ipujiara, o demônio d'água.

E, por fim, Rufino também relembra a figura do João do Mato, homem gigante, com um chapéu, que fica andando pela mata, que esconde muitos mistérios. Enfim, é o conhecimento passado de geração para geração através da oralidade dos mais velhos que nos faz reconhecermos brasileiros. Bosi (1994) explica que as lembranças são construções sociais e a retomada delas, reagrupam e interpretam as lembranças individuais.

A palavra se manteve e se mantém, para além dos continentes, de épocas, de línguas. A palavra oral se fez em texto, livro. A palavra feita em metáforas que garante às gerações futuras os conhecimentos que atravessam as nossas fronteiras.

A literatura não existe em si, existe em forma de entender o presente. Um dado passado como figura no presente.

A literatura atualiza e faz presentes os elementos históricos que formam nossas identidades e culturas. Ela constrói as identidades e as misturas de subjetividade que nos caracteriza. (PARREIRAS, 2009, p. 107)

A autora explica que os orixás apresentam atributos e atividades diversas e devido a forte apelo estético, narrativas afro-brasileiras tratam das relações que eles mantêm entre si e com os homens. Dupont (2015) comenta que, em *O Presente de Ossanha*, Joel Rufino dos Santos resgata a figura de Ossanha, que é uma divindade, deus das matas, conhecedor

⁷⁹ Existe outra versão: um velho do saco que pegavam crianças desobedientes.

dos chás e cura de doenças, recuperando os costumes a respeito da religiosidade africana.

O narrador discorre sobre a história de Ossanha, quando o menino negro pede para que a entidade apareça.

Quem apareceu foi Ossanha. Usava um cocar e um saiote de penas, mais não era índio. Sua pele era negra, quase azul. Não tinha uma perna e não tinha um olho, perdidos numa briga com Xangô.

No começo de tudo, o criador que se chama Olorum, tinha dado a cada filho uma parte do mundo. Para Ossanha deu a floresta:

– Você cuida das plantas. umas servem para comer, outras para fazer remédio e outras para enfeitar a casa. Quando alguém precisar, atenda.

O que fez Ossanha? Guardou as plantas só para si.

– Está em falta, mentia quando alguém procurava.

Seu irmão Xangô quando soube, chamou Iansã que cuidava dos ventos:

– Onde já se viu? Dê um castigo para esse egoísmo.

Iansã se aproximou como quem não quer nada, Ossanha se distraiu e ela abanou com a saia o horto particular do orixá egoísta. Foi a maior ventania! Quando acabou, as plantas tinham se espalhado pelo mundo. É por isso que Ossanha está em todo lugar que tem mato, recolhendo as plantas que Iansã espalhou. (SANTOS, 2006, s/n)

Quando o narrador diz que o menino não teve medo, pois conhecia história, ele mostra que este apresentava conhecimento de suas origens, provavelmente, passada pelos mais velhos, seus antepassados.

Ossanha deu-lhe um visgo que possibilitou pegar o pássaro Cora, um espanto, e que despertou a curiosidade de muitos, criadores de pássaros, viajantes, naturalistas, governo, igreja e gente de outros lugares, para apreciar seu canto e sua facilidade de aprender tudo que o menino ensinava. Diante disso, começaram a querer comprá-lo, oferecendo o bastante para comprar sua liberdade e ainda sobrar, no entanto, o menino recusava, uma vez que sua relação com o pássaro era mais que dono de um “objeto/animal” que poderia ser comercializado, havia toda uma simbologia, afinal, se tratava de um presente de Ossanha.

O senhor partiu para a ameaça:

– Se não me vender esse passarinho, te arranco a pele.

O moleque sorria com o canto dos lábios.

– Se não me vender essa porcaria, te aplico os anjinhos.

Anjinhos eram uns aneizinhos de ferro para apertar os dedos e doía como o diabo!

– Se é uma porcaria por que o nhô quer comprar? Era só o que ele dizia.

Quando o menino estava de castigo, o Cora não cantava. (SANTOS, 2006, s/n)

O pai do menino Ricardo tenta tomar para si o domínio da situação. Na narrativa, esse poder de posse do senhoril, antes naturalizada, passa a ser questionada. Pode ser dono do escravo, mas não da sua identidade e cultura, representada pelo pássaro Cora. Até que um dia, o senhor resolveu vender o moleque porque perdera a paciência, de forma que não queria mais ver o menino e nem o cantar do pássaro.

Ricardo, que ficou triste e doente, pediu ao pai para não vender o amigo. Nada adiantou as súplicas do filho, porque o senhor da fazenda estava decidido e assim o fez, vendeu o menino negro. Ricardo, de tanta tristeza, principalmente por ficar sozinho, sem seu companheiro de brincadeiras, pois não o via como um brinquedo. Pensava Ricardo que moleque tinha o Cora e ele ninguém, e essa perda o fez não ter coragem de se despedir do amigo. *O Presente de Ossanha*, portanto, revela a amizade de grupos sociais e étnicos diferentes, apresentando o pequeno escravo de forma humanizada.

Tendo como personagem principal o moleque, Joel Rufino dos Santos assegura a importância do negro na sociedade. Dupont (2015) comenta que a presença da personagem negra possibilita a valorização de sua cultura e desfaz estereótipos que são reforçados no decorrer da história. Protagonista negro contribui para a construção da identidade de crianças negras.

Outra característica encontrada na narrativa de Santos foi a inversão de papéis, como explana Dupont (2015), uma vez que o menino branco se vê dependente do amigo negro: “– Não vende, pai. Há tempos que o escravo sou eu. Eu é que dependo dele para tudo, não sei mais brincar sozinho”. (SANTOS, 2006, s/n)

No dia seguinte à venda do moleque, pela manhã, Ricardo teve uma surpresa ao ver pendurada uma gaiola na sua janela com Cora, que ao ver o menino começou a cantar. Os meninos criaram uma relação de amizade, e essa conexão fez com que menino branco, ao ficar com o Cora, incorporasse os bens culturais do seu amigo. Apesar do menino escravizado não estar mais com ele, sua lembrança estará. Parreiras (2009) esclarece que a literatura funciona como objeto simbólico, ou seja, instru-

mento de criação de sentido e Cadernatori (1986) conclui que o simbolismo implícito vai agir no inconsciente, dando condições para ajudar as crianças a resolverem conflitos interiores normais dessa fase, através das emoções que são proporcionadas.

Joel Rufino em seu texto, ao explorar diversos sentimentos, vai de encontro com o pensamento de Parreiras (2009) ao dizer que as diferentes emoções na literatura, dor, solidão, perda, raiva, entre outros, apresentadas com uma nova roupagem, proporcionam às crianças uma compreensão das muitas facetas da subjetividade e individualidades. Afinal, a literatura transita em diferentes territórios e permite variadas interpretações.

5. Conclusão

Joel Rufino dos Santos, como escritor de literatura infantil afro-brasileira, não expressa opinião, mas discorre uma história que dá ao leitor recursos para que se aproprie dela e desvende uma série de possibilidades, porque literatura provoca transformações, a partir das experiências próprias de quem lê, tirando-a da zona de conforto e a deixando reorganizar.

No desenrolar da história de *O Presente de Ossanha*, Joel Rufino retoma fatos do período colonial, que os meninos escravos se tornavam brinquedos nas mãos dos senhorzinhos. O negro é tratado como objeto de consumo, uma vez que não possuía nome próprio, mas um nome comum, moleque, diferente do menino branco, que se chamava Ricardo.

Outra característica é com respeito ao protagonista, que geralmente são personagens brancos, no entanto, Joel Rufino escolhe o “moleque”, que possui uma relação de amizade com o senhorzinho dentro de um contexto colonial, apesar das relações entre brancos e negros serem de superioridade e inferioridade, respectivamente.

A presença do sagrado dentro do texto é a maneira utilizada para a perpetuação da cultura, assumindo, portanto, sua identidade dentro de um grupo social e étnico. É representada pela figura de Ossanha, a quem pertence todas as folhas e ervas medicinais, que dá de presente um pássaro chamado Cora para o menino escravo, como símbolo de ancestralidade.

No fim da história, fica evidenciada a relação da literatura como expressão artística, que produz sentimentos, sensações e impressões no

leitor que vão além do ponto final. O menino escravo fora vendido, no entanto, para alegria do seu amigo, ele o presenteia com o Cora, a fim de que a história entre os dois não morra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, São Paulo, vol. 4, n. 1/2, 1993. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a12v4n12.pdf>>. Acesso em: 01-03-2016.

_____. *A memória e sociedade: lembranças de velhos*. 12. ed. São Paulo: Schwarcz, 2004.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUPONT, Vera Regina Vargas. Cultura africana na literatura infantil brasileira. *Revista Trama*, vol. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/11164/7992>>.

MAIA, Josiane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PARREIRAS, Ninfa. *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturais afrodescendente e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

RESENDE, Vânia Maria. Quanto pode a literatura por uma escola e uma sociedade mais humana! In: MAIA, Josiane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.